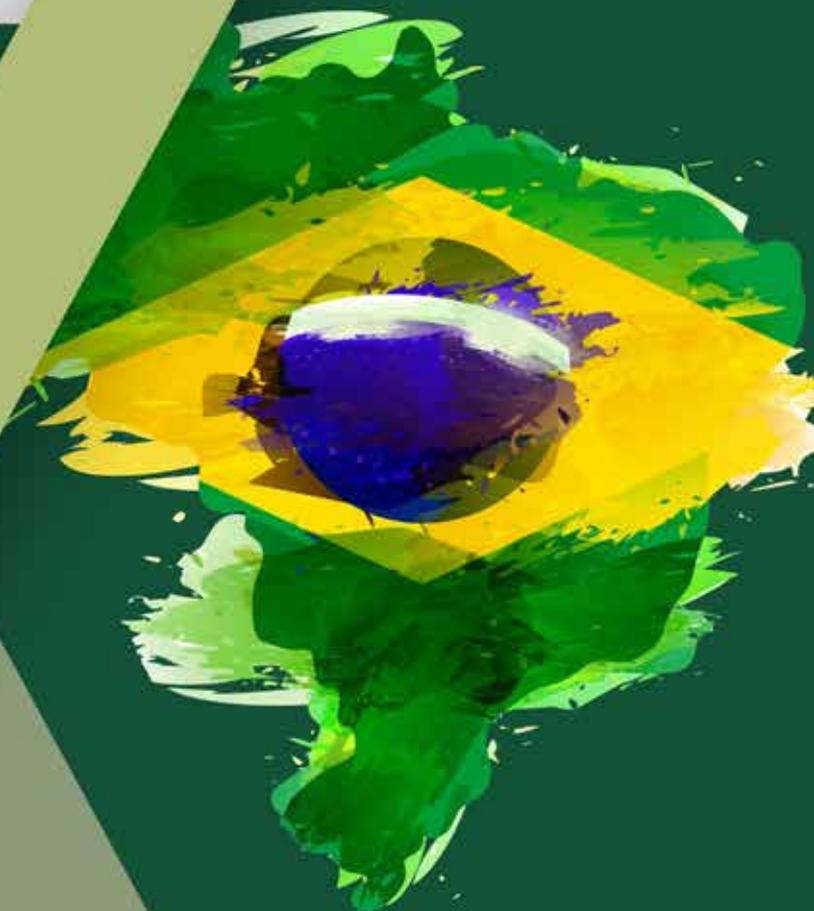




# Empreendedorismo no Brasil

Relatório Executivo

# 2017



**Global  
Entrepreneurship  
Monitor**







# Empreendedorismo no Brasil

Relatório Executivo

# 2017



**Global  
Entrepreneurship  
Monitor**





## COORDENAÇÃO DO GEM

### Internacional

**Global Entrepreneurship Research Association  
- GERA**

**Babson College, Estados Unidos**

**Korea Entrepreneurship Foundation, South  
Korea**

**International Development Research Centre,  
Canadá**

**Universidad del Desarrollo, Chile**

**University Tun Abdul Razak, Malásia**

### No Brasil

**Instituto Brasileiro da Qualidade e  
Produtividade (IBQP)**

Antonio Tulio Lima Severo Junior

*Diretor Presidente*

Augusto Muratori

*Diretor Executivo*

Anderson Luiz da Luz

*Diretor de Operações*

## EQUIPE TÉCNICA

### Coordenação Geral

Simara Maria de Souza Silveira Greco - IBQP

### Análise e Redação

Morlan Luigi Guimarães - IBQP

Paulo Alberto Bastos Junior - IBQP

Vinicius Larangeiras de Souza - IBQP

### Revisão

Marco Aurélio Bedê - SEBRAE

Marcus Alexandre Yshikawa Salusse - FGV - EAESP

### Pesquisa de Campo com População Adulta

Zoom Agência de Pesquisas

### Arte e diagramação

Ajir Gráfica e Editor

## PARCEIROS NO BRASIL

### PARCEIRO MASTER

**Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas  
Empresas (SEBRAE)**

Robson Braga de Andrade

*Presidente do Conselho Deliberativo Nacional*

Guilherme Afif Domingos

*Diretor-Presidente*

Heloisa Regina Guimarães de Menezes

*Diretora Técnica*

Vinicius Lages

*Diretor de Administração e Finanças*

Pio Cortizo

*Gerente da Unidade de Gestão Estratégica (UGE)*

Elizis Maria de Faria

*Gerente Adjunta*

Marco Aurélio Bedê

*Gestor do Projeto pelo SEBRAE*

### PARCEIRO ACADÊMICO

**Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP)**

Carlos Ivan Simonsen Leal

*Presidente da FGV*

Luiz Artur Ledur Brito

*Diretor da Escola de Administração de Empresas de  
São Paulo*

Tales Andreassi

*Vice-Diretor da Escola de Administração de Empre-  
sas de São Paulo*

Edgard Barki

*Coordenador do Centro de Empreendedorismo e  
Novos Negócios*

### PARCEIRO INSTITUCIONAL EM 2017

**Confederação Nacional dos Jovens  
Empresários (CONAJE)**

Guilherme Gonçalves

*Presidente*

Ananda Carvalho

*Vice-Presidente*

Luciana Muzzi

*Diretora Executiva*

Jaqueline Moucherek

*Diretora de Conteúdo*



## ENTREVISTADOS NA PESQUISA COM ESPECIALISTAS - BRASIL 2017

### Adriana Fabrini Diniz

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

### Alberto Ajzentel

Escola de Economia de São Paulo (EESP-FGV).

### Antonio Celso de Abreu Junior

Secretaria de Energia e Mineração do Estado de São Paulo.

### Antonio Felinto Neto

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Paraíba (SEBRAE/PB).

### Arthur Dambros

TAG - Experiências Literárias.

### Bera Wilson

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Paraíba (SEBRAE/PB).

### Bruno Brandão Fischer

Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

### Carlos Alberto de Freitas

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (SEBRAE/SP).

### Carlos Henrique de Brito Cruz

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

### Cassio Spina

Anjos do Brasil.

### Cesar Eduardo Abud Lima

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

### Cláudio Spínola

Morada da Floresta.

### Cleverson Renan da Cunha

Universidade Federal do Paraná (UFPR).

### Cristiane Marques de Mello

Faculdade Integrado de Campo Mourão.

### Edgard Barki

Escola de Economia de São Paulo (EESP-FGV).

### Edmundo Inácio Júnior

Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

### Eduardo Cicconi

Supera Parque.

### Eduardo Pinto Vilas Boas

Emprende.

### Elton Augusto L. Pantoja

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Acre (SEBRAE/AC).

### Emanuelly Oliveira

Social Brasilis.

### Esdras Ariel Pascke de Assis

Aliança Empreendedora.

### Felipe Matos

Dinamo.

### Fernando Antonio Barbosa Gameleira

Commutare Consultoria.

### Gabriel Sant'Ana Palma Santos

Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (ACATE).

### Gabriela Ferreira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

### Gerusa Pasini Rader

Nutri Nature.

### Guilherme Junqueira

Gama Academy.

### Heloisa Motoki

Quali Contabil Eireli Me.

### Ilisangela Mais

Prana Inovação e Recursos Ltda.

### Jamile Sabatini Marques

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

### João Luiz De Lima Gomes

Empresarial Gomes.

### Juliana Medeiros

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

### Leonardo Teixeira

Lotus Venture Investments.

### Luís Villwock

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) - Tecnopuc.

### Luiz Antonio Duarte de Sousa

Associação de Jovens Empreendedores de Tubarão (AJET).

### Luiz Omar Setúbal Gabardo

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

### Mara Elaine de Castro Sampaio

Manca Comunicação e Educação Ltda.

### Marcel Domingos Solimeo

Associação Comercial de São Paulo.

### Marco Antonio Guimarães Marcondes

Rastreabilidade e identificação eletrônica (RASTROVET).

### Marco Boza

BWD Soluções Empresariais.

### Marcos André Farias de Oliveira

Inova Metrópole - IMD - UFRN.

### Marcus Tadeu Bastos Alves

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

### Maria Rita Spina Bueno

Anjos do Brasil.

### Mariana Castro

F451, IED.

### Nádya Pesce da Silveira

Instituto de Química - UFRGS.

### Patrícia Machado

Supermago Comércio Ltda.

### Rafael Prikladnicki

Tecnopuc (Parque Tecnológico).

### Rejane Soares Magalhães

Magalhães Informática.

### Roberto Sekiya

Subsecretaria de Empreendedorismo e da Micro e Pequena Empresa do Governo do Estado de São Paulo.

### Rose Mary Almeida Lopes

Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (ANEGEPE).

### Silviane del Conte Curi

INPAR Soluções Empresariais, Humanas e Sociais Ltda.

### Simone R. Barakat

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP).

### Tom Coelho

Lyrux Desenvolvimento Humano.

### Valter da Silva Faia

Universidade Estadual de Maringá (UEM).

### Vitor dos Santos

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (SEBRAE/SP).

### Vitor Koki da Costa Nogami

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP).

## APRESENTAÇÃO

Por 18 anos consecutivos a pesquisa GEM é produzida pela equipe do IBQP com o apoio do SEBRAE. Mais do que contribuir para o desenvolvimento da sociedade, da economia e das políticas públicas no Brasil, o GEM é fruto da responsabilidade do IBQP com o Brasil e com as suas origens, como organização da sociedade civil de interesse público que é.

O IBQP é termômetro do desenvolvimento do País, coopera com todas as esferas de governos e agências promotoras do desenvolvimento e da inovação, e principalmente do empreendedorismo.

O Relatório GEM 2017 hora apresentado é possível pelo esforço conjunto e dedicado de profissionais especializados, formado pelas equipes do GEM IBQP e SEBRAE Nacional, as quais reiteramos nossa admiração e respeito mais uma vez.

O resultado desse esforço conjunto gera resultados além das fronteiras de nosso país, sendo fruto de análise pelo Fórum Econômico Mundial, Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento e pelas Organizações das Nações Unidas, servindo de base para os programas de investimento e cooperação dessas entidades.

É em nome dos empreendedores Brasileiros e para o seu melhor proveito que produzimos o presente relatório.

**Antonio Tulio Severo Jr**

*Diretor Presidente*

*Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade*



## INTRODUÇÃO

Em 2017 o projeto *Global Entrepreneurship Monitor* – GEM no Brasil alcançou a sua “maioridade”. Isso quer dizer que o ciclo 2017 representa o décimo oitavo ano ininterrupto da pesquisa retratando as características dos empreendedores brasileiros e seus negócios.

Apesar da longevidade do projeto e em consideração aos leitores e estudiosos iniciantes nos documentos e publicações do GEM, achou-se por bem reprimir alguns conceitos e pressupostos inerentes à pesquisa. Nesse sentido convém ressaltar de pronto que seu objetivo central é aprofundar a compreensão sobre o papel que a atividade empreendedora cumpre para o desenvolvimento econômico e social dos países, e por sua vez, com base nos conhecimentos obtidos permitir que os responsáveis por políticas e programas voltados ao empreendedorismo possam cada vez mais aperfeiçoá-los com foco nas realidades identificadas e apreendidas por meio dos dados e informações produzidos.

Em termos históricos convém mencionar que o primeiro ciclo da pesquisa, ainda em caráter piloto, foi conduzido no ano de 1999, a partir de uma iniciativa liderada por duas das instituições internacionais mais renomadas na temática do empreendedorismo, a Babson College, nos Estados Unidos, e a London Business School, na Inglaterra. Na ocasião apenas 10 países participaram do projeto. Ao longo de todos esses anos mais de 100 países já participaram da pesquisa. Em 2017, 54 países tomaram lugar no projeto, sendo que o conjunto desses países representa mais de 70% da população e do PIB global. Por si esses números retratam a relevância e a magnitude da pesquisa e do esforço, por que não dizer, empreendedor que é realizá-la anualmente.

O Brasil inicia sua participação no GEM, já em seguida, no ano 2000, e como dito anteriormente, desde então está presente em todas as edições da pesquisa, sempre com a coordenação do projeto sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) e com o suporte técnico e financeiro do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, o Sebrae.

O GEM distingue-se de outros estudos que têm foco no empreendedorismo, sobretudo no fato de

que o objeto central de sua investigação está no sujeito empreendedor (fonte primária de informação) e não no empreendimento propriamente dito. Com isso se quer salientar que o empreendedor, para o GEM, é aquele indivíduo que realizou esforços concretos na tentativa de criação de um novo empreendimento, como por exemplo uma atividade autônoma, ou uma empresa, seja ela formalizada ou não, bem como a expansão de um negócio já existente. Assim sendo, é o sujeito que empreende que apresenta suas características (idade, escolaridade, renda familiar...), manifesta suas expectativas (como a criação de postos de trabalho ou inserção internacional) e descreve o negócio com o qual está envolvido (porte, estágio, inovação e segmento de atuação).

Os resultados produzidos e ora apresentados são reflexos das “respostas” obtidas em meio a população, no caso, a população brasileira, e não baseados em dados oficiais e formais obtidos de fontes secundárias, como Juntas Comerciais, Receita Federal entre outros.

Um outro aspecto que vale enfatizar em relação aos pressupostos conceituais do GEM está no fato de que empreendedor não é apenas aquele que está à frente de negócios bem estruturados, muito menos os “negócios de sucesso”. O GEM abarca todo e qualquer tipo de empreendedorismo, desde aqueles situados na base da pirâmide, muito simples, focados talvez na exclusiva subsistência daquele que empreende, como também em negócios de alto valor agregado e com conteúdo inovativo.

Feitos esses esclarecimentos iniciais de ordem histórica e conceitual, e antes de adentrar nos resultados propriamente ditos, faz-se necessário elucidar alguns pontos de natureza metodológica da pesquisa a fim de melhorar a compreensão dos leitores para a síntese<sup>1</sup> dos resultados que virão a seguir.

As principais informações produzidas pelo GEM são resultantes de dois processos de coleta de dados distintos, e fundamentalmente dois públicos diferentes que respondem aos questionários aplicados.

O primeiro deles, é o processo de coleta de dados a partir do qual se busca identificar as atitudes, atividades e aspirações da população em relação ao empreendedorismo, chamado “Pesquisa

<sup>1</sup> Um estudo mais detalhado e aprofundado do “Empreendedorismo no Brasil – 2017”, será objeto de uma outra publicação, que em breve será lançada.

com a População Adulta” ou simplesmente APS<sup>2</sup>. Essa pesquisa consiste em um levantamento junto a uma amostra representativa da população adulta (18 - 64 anos) do país. A aplicação do questionário é realizada no domicílio do indivíduo “sorteado” para respondê-lo. A intenção desse levantamento anual é gerar as informações de natureza quantitativa, sobretudo identificar e caracterizar a parcela da população envolvida com alguma atividade empreendedora, assim como determinadas características relevantes dos empreendimentos com os quais estejam envolvidos. Em 2017 foram 2000 pessoas entrevistadas em todo o território nacional.

O segundo processo de coleta de dados referido anteriormente busca avaliar as condições objetivas para o desenvolvimento de atividades empreendedoras e criação de novos negócios no país. Essa sondagem é conduzida por meio de entrevistas com profissionais “especialistas” na temática do empreendedorismo e suas variantes. Trata-se de uma amostragem intencional, em que os especialistas selecionados são instados a identificar e avaliar os fatores que contribuem e os fatores que limitam a atividade empreendedora no País. Esse processo é chamado de “Pesquisa com Especialistas”, ou simplesmente NES<sup>3</sup>.

Os especialistas são profissionais do setor público ou privado, acadêmicos estudiosos, ou mesmo empreendedores que possuem elevado grau de experiência ou conhecimento acerca de determinadas condições que afetam o empreendedorismo. A opinião desses profissionais, além de promover uma visão contextual do ambiente em que são desenvolvidos os negócios no Brasil, propicia a obtenção de recomendações com vistas a implementação de melhorias em aspectos vitais às atividades empreendedoras no País, como: o financiamento para os novos negócios, políticas e programas governamentais de apoio ao empreendedorismo, educação e capacitação, desenvolvimento tecnológico e infraestrutura entre outros tantos aspectos ligados ao tema. Em 2017 foram entrevistados 60 especialistas.

A partir daqui, tendo sido revisados alguns aspectos metodológicos, históricos e conceituais da pesquisa GEM, vamos aos principais destaques do décimo oitavo ciclo da série “Empreendedorismo no Brasil”.

## 1. TAXAS DE EMPREENDEDORISMO NO BRASIL EM 2017

Conforme mencionado na introdução deste relatório, as taxas de empreendedorismo são calculadas a partir do processo de coleta de dados em meio à população adulta do país (APS), ou seja, indivíduos com idade entre 18 e 64 anos.

### 1.1 – TAXAS GERAIS

As taxas gerais foram calculadas tomando-se em conta o tamanho da amostra pesquisada (2000 unidades) e indicam o percentual de indivíduos empreendedores existentes no Brasil no ano de 2017.

Essas taxas gerais podem ser agrupadas em subgrupos que apontam para detalhes do empreendedorismo no país quanto ao estágio do empreendedor (inicial ou estabelecido) e para as suas motivações para empreender, por oportunidade ou necessidade.

Em relação ao estágio as seguintes taxas podem ser calculadas:

- Taxa de empreendedorismo inicial (TEA: nascentes ou novos):

- os empreendedores nascentes são aqueles indivíduos que estão envolvidos na estruturação e são proprietários de um novo negócio, contudo esse empreendimento ainda não pagou salários, pró-labores ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por mais de três meses;
- os empreendedores novos administram e são donos de um novo empreendimento que já remunerou de alguma forma os seus proprietários por um período superior a três meses e inferior a 42 meses (3,5 anos);
- tanto os empreendedores nascentes quanto os novos são considerados empreendedores em estágio inicial ou simplesmente empreendedores iniciais.

- Taxa de empreendedorismo estabelecido (TEE). Neste estrato estão contidos os empreendedores que administram e são proprietários de negócios tidos como consolidados pelo fato de haver pago aos seus proprietários alguma remuneração, sob a forma de salário, pró-labore ou outra, por um período superior a 42 meses.

<sup>2</sup> Sigla para a terminologia em inglês “Adult Population Survey”.

<sup>3</sup> Sigla para a terminologia em inglês “National Experts Survey”.

- A taxa de empreendedorismo total (TTE) é formada por todos os indivíduos que estão envolvidos com uma atividade empreendedora, em linhas gerais pode-se dizer que a TTE é o conjunto dos empreendedores iniciais e estabelecidos.

Em 2017, no Brasil, a taxa total de empreendedorismo (TTE) foi de 36,4% (tabela 1.1), o que significa que de cada 100 brasileiros e brasileiras adultos (18 – 64 anos), 36 deles estavam conduzindo alguma atividade empreendedora, quer seja na criação ou aperfeiçoamento de um novo negócio, ou na manutenção de um negócio já estabelecido. Em números

absolutos isso representa dizer que é de quase 50 milhões o contingente de brasileiros que já empreendem e/ou realizaram, em 2017, alguma ação visando a criação de um empreendimento em um futuro próximo.

Quando se compara o ano de 2017 com o ano anterior pode-se dizer que não houve variação nas taxas gerais de empreendedorismo inicial e estabelecido no Brasil. Isso se revela no gráfico 1.1 onde fica evidente que foram mínimas as variações tanto na taxa de empreendedores iniciais quanto estabelecidos, permanecendo em torno de 20% e 17% respectivamente.

**Tabela 1.1** - Taxas<sup>1</sup> (em %) e estimativas<sup>2</sup> (em unidades) de empreendedorismo segundo o estágio dos empreendimentos - Brasil - 2017

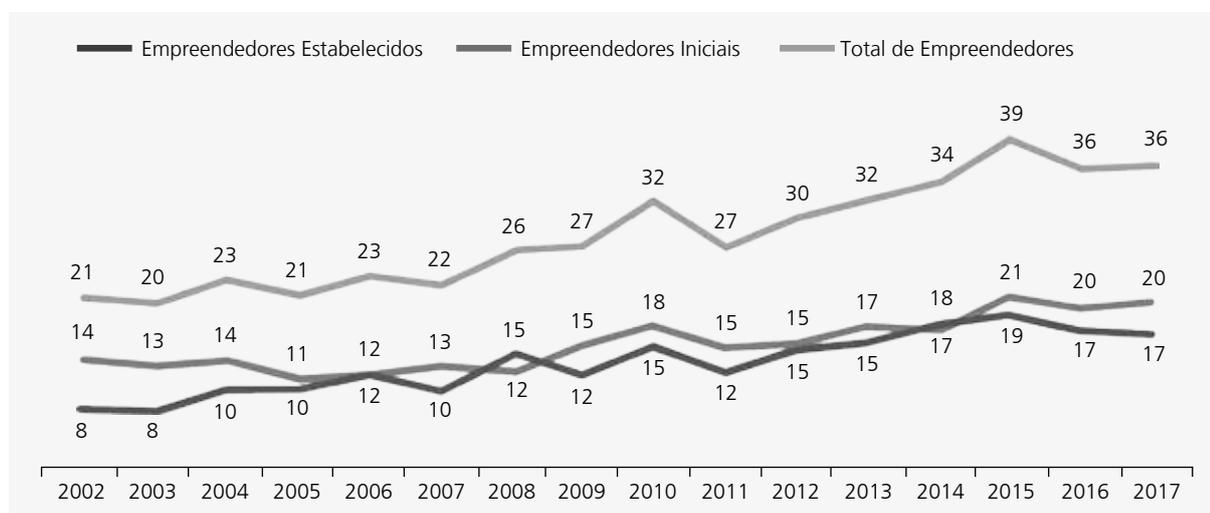
Estágio	Taxas	Estimativas
TOTAL DE EMPREENDEDORES	36,4	49.332.360
Iniciais	20,3	27.482.078
Novos	16,3	22.093.966
Nascentes	4,4	6.010.858
Estabelecidos	16,5	22.337.649

Fonte: GEM Brasil 2017

<sup>1</sup> Percentual da população de 18 a 64 anos.

<sup>2</sup> Estimativas calculadas a partir de dados da população brasileira de 18 a 64 anos para o Brasil em 2017: 135,4 milhões. Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2030 (ano 2017).

**Gráfico 1.1** - Taxas<sup>1</sup> (em%) de empreendedorismo segundo estágio do empreendimento TEA, TEE, TTE - Brasil - 2002:2017



Fonte: GEM Brasil 2017

<sup>1</sup> Percentual da população de 18 a 64 anos.

Porém, ainda na comparação com o ano anterior, se observam variações nas taxas que compõe o grupo de empreendedores iniciais: um aumento na taxa de empreendedores novos indo de 14% para 16,3%, e o movimento contrário dos empreendedores nascentes, passando de 6,2% em 2016 para 4,4% em 2017.

A diminuição do percentual de empreendedores nascentes permite supor que os brasileiros consideraram menos a atividade empreendedora como alternativa de geração de ocupação e renda, o que pode ser resultado dos diversos sinais de recuperação da economia em 2017, sobretudo aqueles relacionados ao mercado de trabalho. Evidentemente não é possível afirmar, mas pode-se inferir que para muitos a esperança de conquista de um emprego formal foi mais forte que a expectativa de subsistência por meio de uma atividade empreendedora, sobretudo para aqueles empreendedores que criam seus negócios por uma questão de necessidade.

Por outro lado, o aumento no percentual dos empreendedores novos indica que os empreendedores nascentes, de períodos anteriores, mantiveram suas atividades, tornando-se novos, e os empreendedores novos permanecem com os seus empreendimentos ativos.

O segundo agrupamento das taxas gerais que o projeto GEM tradicionalmente elabora, diz respeito às taxas de empreendedorismo segundo a

motivação do empreendedor, ou seja, que fatores o levaram a se envolver com atividades empreendedoras. Neste caso as taxas se dividem em empreendedorismo por oportunidade e por necessidade.

- São considerados empreendedores por oportunidade aqueles que, quando indagados na entrevista, afirmam ter iniciado o negócio principalmente pelo fato de terem percebido uma oportunidade no ambiente.

- Ao contrário, o empreendedor por necessidade é aquele que afirma ter iniciado o negócio pela ausência de alternativas para a geração de ocupação e renda.

Em 2017, se observou um pequeno aumento na relação entre empreendedores por oportunidade e por necessidade. Em 2016, para cada empreendedor inicial por necessidade, havia 1,4 empreendedores por oportunidade, em 2017 essa relação foi 1,5 (tabela 1.2). Dito de outra forma, 59,4% dos empreendedores iniciais empreenderam por oportunidade e 39,9% por necessidade.

Interessante notar que essa pequena diminuição na proporção de empreendedores por necessidade se alinha ao que foi inferido anteriormente a respeito dos sinais de recuperação, mesmo que lenta, do mercado formal de trabalho no Brasil. O patamar de empreendedorismo por necessidade ainda está significativamente acima da proporção registrada em 2014 (29%), ano anterior à agudização da crise econômica brasileira (gráfico 1.2).

**Tabela 1.2** - Motivação dos empreendedores iniciais: taxas<sup>1</sup> (em %) para oportunidade e necessidade, proporção sobre a TEA<sup>2</sup> (em %), estimativas<sup>3</sup> (em unidades) e razão oportunidade e necessidade - Brasil - 2017

Motivação	Taxas	Percentual da TEA	Estimativas
Oportunidade	12,1	59,4	16.313.253
Necessidade	8,1	39,9	10.965.755
Razão Oportunidade/ Necessidade		1,5	

Fonte: GEM Brasil 2017

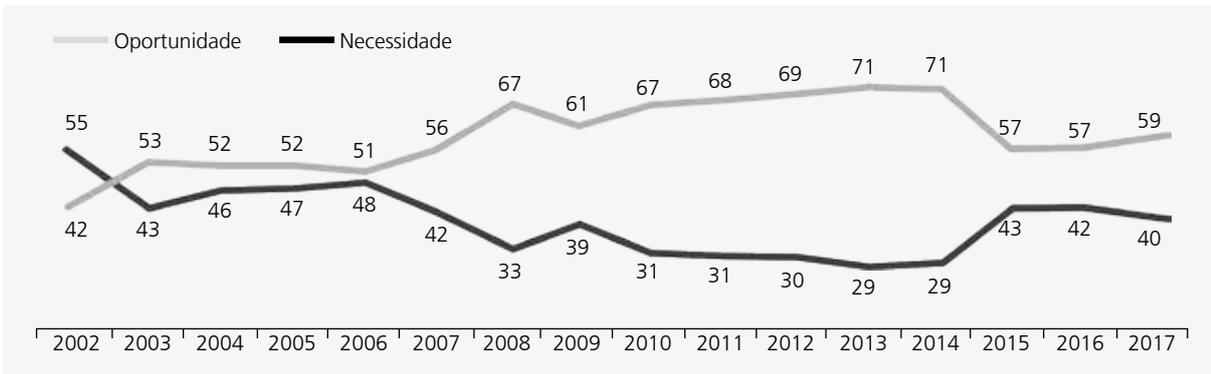
<sup>1</sup> Percentual da população de 18 a 64 anos.

<sup>2</sup> Proporção sobre a TEA: A soma dos valores pode não totalizar 100% quando houverem recusas e/ou respostas ausentes.

<sup>3</sup> Estimativas calculadas a partir de dados da população de 18 a 64 anos para o Brasil em 2017: 135,4 milhões. Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2030 (ano 2017).



**Gráfico 1.2** - Empreendedorismo por oportunidade e necessidade como proporção (em%) da taxa de empreendedorismo inicial- Brasil - 2002:2017



Fonte: GEM, IBGE, Banco do Brasil e Ipeadata

\* A soma pode não totalizar 100% pelo fato de que alguns empreendimentos não é possível distinguir se é por oportunidade ou necessidade.

### 1.2. TAXAS ESPECÍFICAS

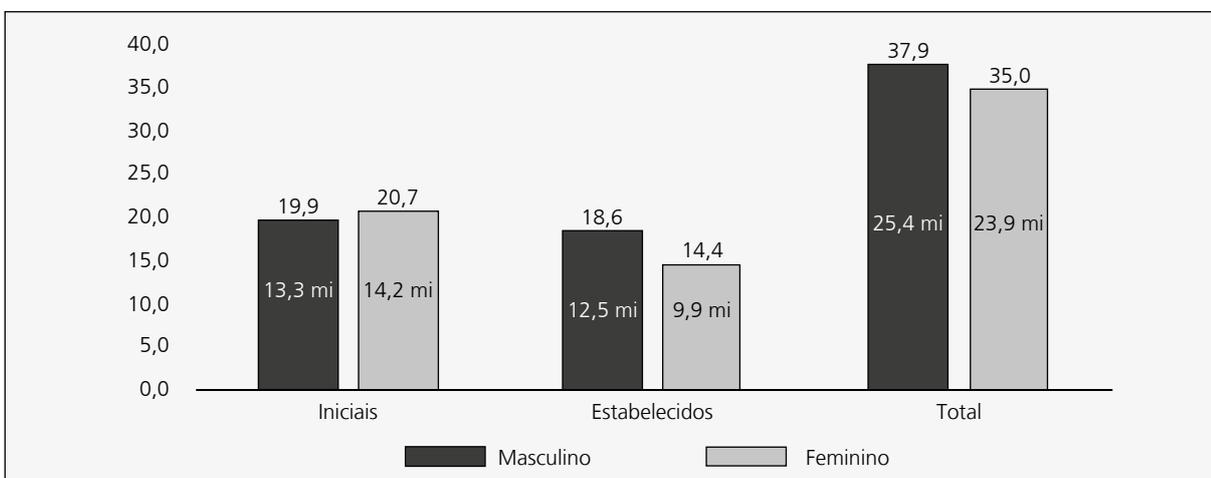
As taxas específicas são calculadas em relação a subdivisões (estratos) da amostra total. Desse modo é possível identificar a intensidade da atividade empreendedora segundo determinados segmentos da população, como mulheres e homens, os diferentes grupos etários, em função do nível de escolaridade do empreendedor, entre outros.

Quando analisamos as taxas de empreendedorismo total por gênero em 2017 (gráfico 1.3), verifica-se que os homens são ligeiramente mais empreendedores que as mulheres, uma diferença de quase três pontos percentuais. Entre os empreendedores estabelecidos essa diferença é superior

a quatro pontos. Contudo se tomarmos isoladamente os empreendedores iniciais, elas superam os homens em quase um ponto percentual. Esse comportamento do empreendedorismo segundo o gênero, pode levantar algumas reflexões: seriam as mulheres menos persistentes na condução dos seus empreendimentos? Ou o ambiente para mulheres empreenderem ainda lhes é desfavorável e isso afeta a longevidade dos seus negócios?

A despeito disso é necessário frisar que ao se tratar do contingente de mulheres que empreendem no Brasil, esse número é de 24 milhões, muito semelhante ao contingente masculino.

**Gráfico 1.3** - Taxas (em %) específicas<sup>1</sup> e estimativas<sup>2</sup> (em milhões) do número de empreendedores por gêneros segundo estágios do empreendimento - Brasil - 2017



Fonte: GEM Brasil 2017

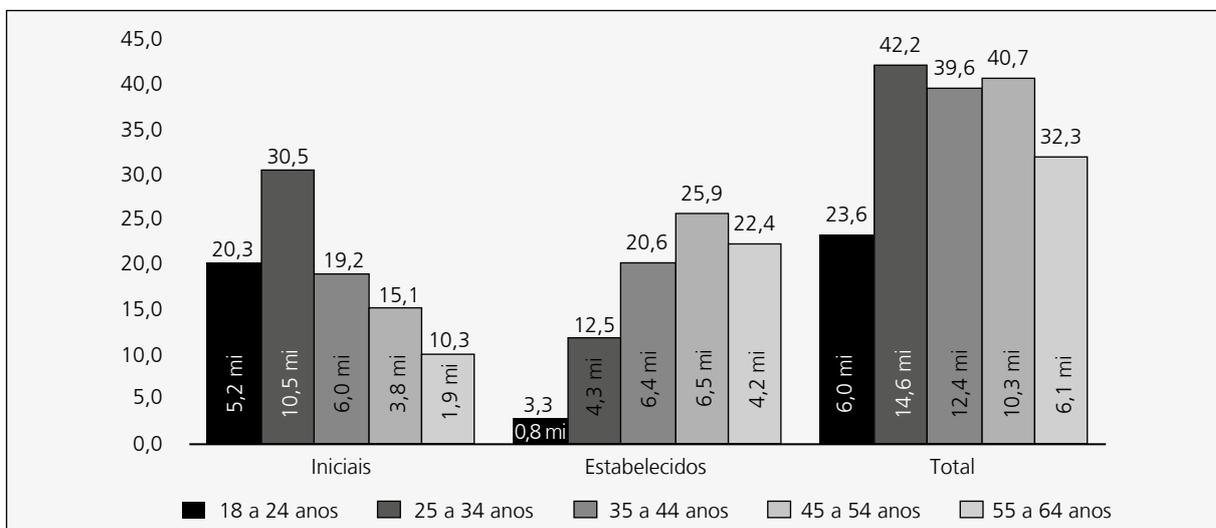
<sup>1</sup> Percentual da população referente a cada categoria da população (ex. 19,9% dos homens no Brasil são empreendedores iniciais).

<sup>2</sup> Estimativa calculada a partir de dados da população brasileira de 18 a 64 anos para o Brasil em 2017: 135,4 milhões. Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2030 (ano 2017).

Ao verificar o empreendedorismo no Brasil em 2017, considerando as diferentes faixas etárias (gráfico 1.4), nota-se que os jovens de 25 a 34 anos foram os mais ativos na criação de novos negócios, 30,5% dos brasileiros nesta faixa são proprietários e administram a criação e consolidação de empreendimentos em estágio inicial. Em seguida, neste “ranking” aparece aqueles ainda mais jovens, de 18 a 24 anos, 20,3% deles estavam envolvidos com a criação de novos negócios.

Entre os empreendedores estabelecidos a faixa etária de 45 a 54 anos é a que mais se destaca, 25,9% dos brasileiros nessa idade são donos ao mesmo tempo que gerenciam negócios já consolidados. Naturalmente, entre os brasileiros jovens existem menos empreendedores estabelecidos, mesmo assim é relevante destacar que são mais de 5 milhões de brasileiros entre 18 e 34 anos que estão nesse estágio de empreendedorismo.

**Gráfico 1.4** - Taxas (em %) específicas<sup>1</sup> e estimativas<sup>2</sup> (em milhões) do número de empreendedores por faixas etárias segundo estágios do empreendimento - Brasil - 2017



Fonte: GEM Brasil 2017

<sup>1</sup> Percentual da população referente a cada categoria da população (ex. 20,3% da população de 18 a 24 anos no Brasil são empreendedores iniciais).

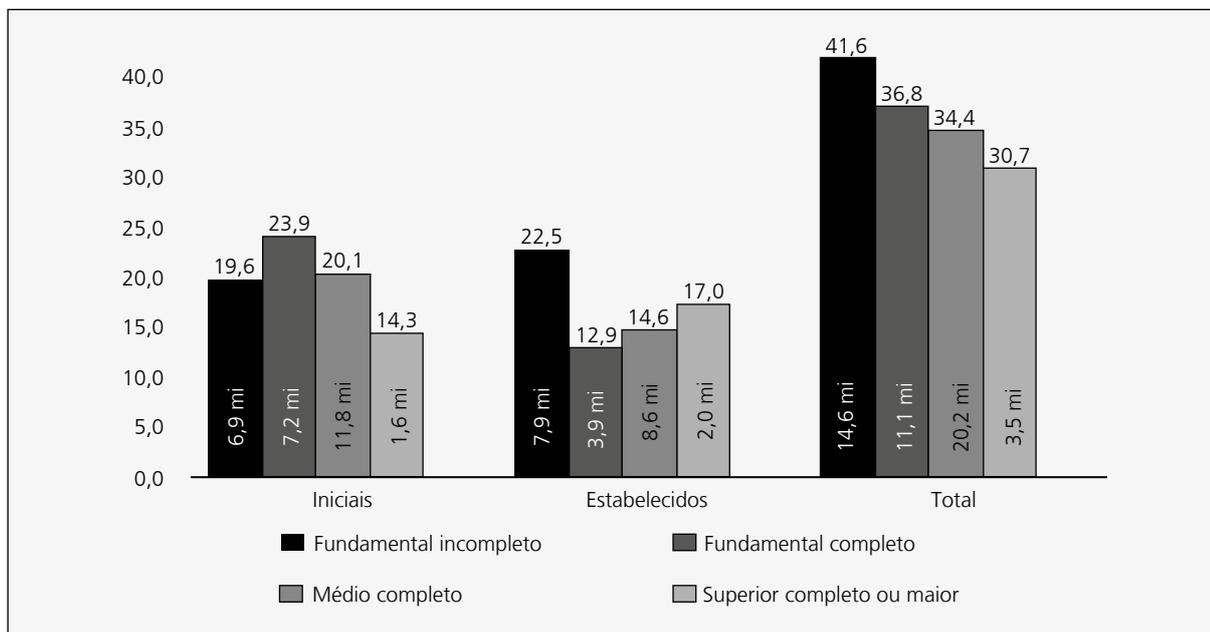
<sup>2</sup> Estimativa calculadas a partir de dados da população brasileira de 18 a 64 anos para o Brasil em 2017: 135,4 milhões. Fonte: IBGE/ Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2030 (ano 2017).

O nível de escolaridade é outro importante parâmetro para entender o fenômeno do empreendedorismo no Brasil (gráfico 1.5). Entre os empreendedores iniciais, chama a atenção que o grupo mais ativo de empreendedores é aquele composto por pessoas com apenas o ensino fundamental completo, 23,9% deles são empreendedores iniciais, quase 10 pontos percentuais a mais do que aqueles que possuem diploma de nível superior (14,3%).

Dos que não possuem nem o ensino fundamental completo, 22,5% podem ser caracterizados como empreendedores estabelecidos. É o grupo de escolaridade que mais se destaca pela intensidade da atividade nesse estágio do empreendedorismo. Chega a quase 12 milhões o número de empreendedores estabelecidos no Brasil que sequer comple-

taram o ensino médio. Tem-se como contraponto que 17% dos brasileiros com ensino superior completo são empreendedores estabelecidos, taxa essa que coloca esse grupo de escolaridade em segundo lugar entre os mais empreendedores nesse estágio. Entretanto em números absolutos estimados esses representam aproximadamente 1/6 daqueles com ensino fundamental completo ou incompleto, ou seja, dois milhões de empreendedores estabelecidos.

**Gráfico 1.5** - Taxas (em %) específicas<sup>1</sup> e estimativas<sup>2</sup> (em milhões) do número de empreendedores por níveis de escolaridade<sup>3</sup> segundo estágios do empreendimento - Brasil - 2017



Fonte GEM Brasil 2017

<sup>1</sup> Percentual da população referente a cada categoria da população (ex. 19,6% dos que tem Fundamental incompleto no Brasil são empreendedores iniciais).

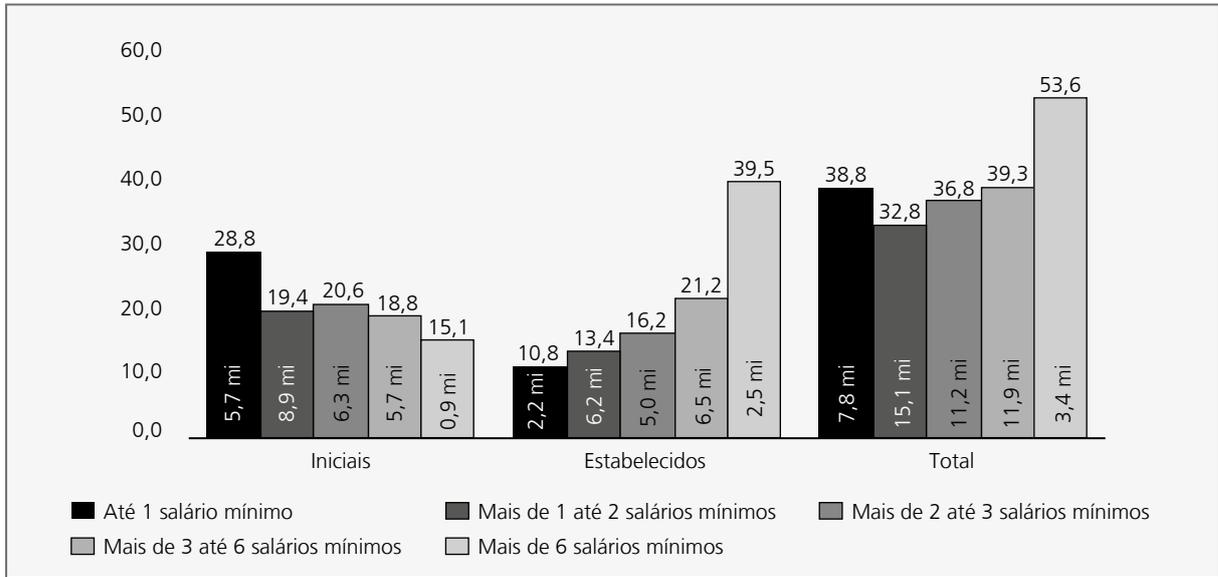
<sup>2</sup> Estimativas calculadas a partir de dados da população brasileira de 18 a 64 anos para o Brasil em 2017: 135,4 milhões. Fonte: IBGE/ Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2030 (ano 2017).

<sup>3</sup> Fundamental incompleto = Nenhuma educação formal e ensino fundamental incompleto; Fundamental completo = Ensino fundamental completo e ensino médio incompleto; Médio completo = Ensino médio completo e superior incompleto; Superior completo ou maior = Superior completo, especialização incompleta e completa, mestrado incompleto e completo, doutorado incompleto e doutorado completo.

Em se tratando de renda familiar (gráfico 1.6), 28,8% dos brasileiros que possuem renda familiar de até um salário mínimo (SM) são empreendedores iniciais. Já entre os que possuem renda superior a seis salários, 15,1% deles empreendem em estágio inicial. Praticamente o reverso se observa para os empreendedores estabelecidos: 39,5% dos brasilei-

ros cuja renda familiar é superior a seis SM são empreendedores neste estágio do empreendimento, enquanto que apenas 10,8% daqueles com renda de até um SM estão nessa condição. Pode-se, portanto, inferir quanto o papel decisivo do empreendedorismo na geração de renda para as famílias.

**Gráfico 1.6** - Taxas (em %) específicas<sup>1</sup> e estimativas<sup>2</sup> (em milhões) do número de empreendedores (em milhões) por faixas de renda segundo estágios do empreendimento - Brasil - 2017



Fonte GEM Brasil 2017

<sup>1</sup> Percentual da população referente a cada categoria da população (ex. 28,8% dos que recebem até 1 salário mínimo no Brasil são empreendedores iniciais).

<sup>2</sup> Estimativas calculadas a partir de dados da população brasileira de 18 a 64 anos para o Brasil em 2017: 135,4 milhões. Fonte: IBGE/ Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2030 (ano 2017).

O quadro 01, retrata de forma sintética a intensidade da atividade empreendedora segundo os diferentes estratos populacionais no Brasil em 2017.

**Quadro 1** - Intensidade da atividade empreendedora segundo estratos da população (taxas específicas) – Brasil – 2017

Estratos da população que se destacam pelos níveis mais altos de atividade empreendedora em <u>estágio inicial</u>	Estratos da população que se destacam pelos níveis mais altos de atividade empreendedora em <u>estágio estabelecido</u>
Mínima diferença entre homens e mulheres, ligeira prevalência do empreendedorismo feminino.	Os <u>homens</u> são mais ativos que as mulheres.
Os <u>mais ativos</u> são os indivíduos de <u>25 a 34 anos</u> . Os <u>menos ativos</u> encontram-se na faixa de <u>55 a 64 anos</u> .	Indivíduos na faixa etária de <u>45 a 54 anos</u> são os <u>mais ativos</u> . Na faixa dos <u>18 a 24 anos</u> encontram-se os <u>menos ativos</u> .
Os <u>mais ativos</u> são aqueles que possuem apenas o <u>ensino fundamental completo</u> . Os <u>menos ativos</u> possuem o <u>ensino superior completo</u> .	Os <u>mais ativos</u> são aqueles que <u>possuem o ensino fundamental incompleto</u> . Os <u>menos ativos</u> possuem o <u>ensino fundamental completo</u> .
Indivíduos na faixa de renda de <u>até um SM</u> são os <u>mais ativos</u> . Os com renda <u>superior a seis SM</u> os <u>menos ativos</u> .	Indivíduos na faixa de renda <u>superior a seis SM</u> são os <u>mais ativos</u> . Os com renda de <u>até um SM</u> os <u>menos ativos</u> .



## 2. DISTRIBUIÇÃO DOS EMPREENDEDORES SEGUNDO AS CARACTERÍSTICAS DOS SEUS EMPREENDIMENTOS

Para a melhor compreensão da realidade do empreendedorismo no Brasil, não é suficiente conhecer apenas as características específicas dos empreendedores, é fundamental também que se conheça os principais elementos que caracterizam o tipo, em sentido amplo, de negócio que está sendo criado, estruturado ou mantido pelo empreendedor brasileiro.

### 2.1. SETOR DA ATIVIDADE

O primeiro ponto para entender melhor o perfil dos empreendimentos liderados pelos empreendedores brasileiros identificados na pesquisa GEM 2017 é o setor de atividade econômica a que eles pertencem (tabela 2.1). Nesse sentido depreende-se que 72% dos empreendedores em estágio inicial atuam no setor de serviços, mais especificamente,

aproximadamente 67% deles no setor de serviços orientados ao consumidor final. Os empreendedores estabelecidos que atuam no setor de serviços correspondem a 55,8%, aproximadamente 49% focam suas atividades no consumidor final.

Atividades industriais são a área de atuação de 27% dos empreendedores iniciais e 42,1% dos empreendedores estabelecidos. É possível então perceber que a medida que os negócios vão se consolidando ocorre uma derivação para atividades de maior complexidade técnica e gerencial, ou seja, entre os empreendedores estabelecidos aumenta a proporção daqueles que atuam no ramo industrial e no setor de serviços voltados para empresas (*business-to-business* – B2B) e diminui consideravelmente aqueles empreendedores que atuam no segmento de serviços para o consumidor. Contudo, vale ressaltar que as atividades industriais aqui mencionadas, por certo se caracterizam por atividades manufatureiras simples e pouco intensivas em conhecimento ou tecnologia, como por exemplo a preparação de alimentos ou confecção de vestuário.

**Tabela 2.1** - Distribuição percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos segundo o setor da atividade econômica - Brasil - 2017

Setores	% de empreendedores	
	Iniciais	Estabelecidos
Setor extrativo	1,0	2,1
Indústria de transformação	27,0	42,1
Serviços orientados para negócio	5,3	7,1
Serviços orientados para o consumidor	66,7	48,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: GEM 2017

### 2.2. POTENCIAL DE INOVAÇÃO

Tendo como premissa que o potencial inovativo dos negócios possui clara correlação direta com a expectativa de crescimento desse negócio, faz-se necessário observar alguns fatores que de uma forma ou outra se relacionam com a temática da inovação na atividade empreendedora. A tabela 2.2 apresenta alguns dados que permitem inferir a esse respeito.

Inicialmente, em torno de ¼ dos empreendedores, tanto iniciais quanto estabelecidos, afirma que o produto ou serviço com os quais realizam suas atividades comerciais são, ou serão considerados novos para uma parcela de seus clientes. Apesar

da maioria (75%) dos empreendedores reconhecerem que atuam com produtos e serviços que não trazem diferencial ou novidade para o mercado em que estão inseridos, ainda assim aqueles que afirmam que seu negócio possui conteúdo inovador para pelo menos uma parcela do seu mercado consumidor totalizam aproximadamente 13 milhões de empreendedores.

De modo subsidiário a esse primeiro comentário, 45,7% dos empreendedores iniciais afirmam que possuem poucos ou nenhum concorrente no seu setor e local de atuação. Pode-se imaginar que esse elevado percentual seja fruto de um conheci-

mento ainda incipiente do seu mercado de atuação, posto que entre os empreendedores estabelecidos, uma proporção bem menor (33,9%) reconhece a ausência ou a existência de número reduzido de concorrentes.

Quando se trata de analisar a base tecnológica dos negócios e sua inserção internacional, nota-se que tanto um tema quanto outro passam ao largo

do planejamento e da ação dos empreendedores brasileiros. Tomando apenas os empreendedores estabelecidos pode-se dizer, a grosso modo, que aqueles que atuam suportados por tecnologias mais atuais ou sofisticadas, assim como aqueles que empreendem com foco em clientes provenientes do mercado internacional, são apenas “traços” nas estatísticas do empreendedorismo brasileiro.

**Tabela 2.2** - Distribuição percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos segundo as características relacionadas à inovação dos produtos e serviços produzidos pelos seus empreendimentos - Brasil - 2017

Características do empreendimento	% de empreendedores	
	Iniciais	Estabelecidos
Produto/serviço novo para alguns ou para todos	25,0	26,4
Poucos ou nenhum concorrente	45,7	33,9
Tecnologia com menos 5 anos	1,4	0,3
Consumidores no exterior	0,7	0,5

Fonte: GEM 2017

<sup>1</sup> Itens mutuamente exclusivos.

### 2.3. NÚMERO DE EMPREGOS GERADOS

Um dos aspectos mais relevantes para a caracterização do empreendedorismo brasileiro é a sua capacidade de geração de empregos. A partir da tabela 2.3 nota-se uma forte ênfase no empreendedorismo de caráter individual, ou seja, o desenvolvimento de uma atividade empreendedora com objetivos de alcançar as condições materiais necessárias para si próprio e família ou a auto ocupação. Estima-se que estes empreendedores são cerca de 31 milhões dos 49 milhões de empreendedores iniciais ou estabelecidos existentes no país. O dado que atesta essa afirmação é o elevado percentual, 68,4% de empreendedores estabelecidos que não gera nenhum posto de trabalho no negócio que criou.

A despeito disso, não se pode deixar de mencionar que apesar dos fortes traços de um empreendedorismo para auto ocupação, a atividade empreendedora no Brasil é responsável também por geração expressiva de ocupação e renda para empregados e/ou familiares. Ao combinar as informações da tabela 2.3 e da tabela 1.1, é possível concluir que os empreendedores iniciais, em 2017, empregam, formal ou informalmente, mais de 8 milhões de pessoas, e os empreendedores estabelecidos, aproximadamente 11 milhões. Não é possível desprezar a relevância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico e social do País.

**Tabela 2.3** - Distribuição percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos segundo o número de empregos gerados - Brasil - 2017

Faixas de empregados	% de empreendedores	
	Iniciais	Estabelecidos
Não informou	20,7	0,3
Nenhum empregado	58,3	68,4
1 empregado	14,5	18,5
2 empregados	3,4	6,1
3 ou mais empregados	3,1	6,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: GEM 2017



## 2.4. FATURAMENTO

Os dados sobre o faturamento dos empreendedores brasileiros (tabela 2.4) indicam um perfil considerável de empreendedorismo de subsistência, pois entre os negócios conduzidos tanto pelos empreendedores iniciais quanto pelos empreendedores estabelecidos, metade fatura em torno do equivalente a um salário mínimo por mês (aproximadamente R\$1.000,00), ou até R\$ 12.000,00 por ano.

Um faturamento mais expressivo, acima de R\$ 5.000,00 por mês (ou R\$60.000,00 por ano) é alcançado por apenas 1% dos empreendedores iniciais e por 3,2% dos empreendedores estabelecidos. Apesar de um percentual diminuto, esse grupo de empreendedores, os que faturam mais de R\$5.000,00 por mês, em conjunto, respondem por mais de 100 bilhões de reais de faturamento anual.

**Tabela 2.4** - Distribuição percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos segundo o faturamento - Brasil - 2017

Faixas de faturamento	% de empreendedores	
	Iniciais	Estabelecidos
Não informaram faturamento	0,7	3,8
Ainda não faturou nada	21,9	0,0
Até R\$ 12.000,00	52,0	50,5
De R\$ 12.000,01 a R\$ 24.000,00	16,9	24,5
De R\$ 24.000,01 a R\$ 36.000,00	3,9	9,6
De R\$ 36.000,01 a R\$ 48.000,00	1,9	6,7
De R\$ 48.000,01 a R\$ 60.000,00	1,7	1,7
De R\$ 60.000,01 a R\$ 360.000,00	1,0	2,9
De R\$ 360.000,01 a R\$ 1.200.000,00	0,0	0,3
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: GEM 2017

## 3. AMBIENTE PARA EMPREENDER NO BRASIL

Esta seção, tem por finalidade apresentar aspectos relacionados à percepção que os brasileiros têm acerca do tema empreendedorismo, bem como uma breve avaliação sobre as condições, favoráveis e limitantes para se empreender no Brasil, na ótica dos especialistas nacionais.

### 3.1. MENTALIDADE

A tabela 3.1 acusa uma expressiva redução em 2017 na parcela da população que manifesta o desejo ter um negócio próprio quando se compara com o ano anterior, quase 14 pontos percentuais, indo de 31,7% para 17,9%. Esse movimento contrasta com outra manifestação dos entrevistados na qual 46,4% deles reconhecem a existência de boas oportunidades de negócio em um horizonte de seis meses (aumento de mais de seis pontos em relação ao verificado em 2016). Pode explicar essa aparente contradição o fato de que a população também per-

cebe melhoras no cenário do mercado de trabalho, fazendo que a abertura de um negócio se afaste a da “alça de mira” do brasileiro como alternativa de sobrevivência.

Chama atenção também o fato de que 56,5% dos brasileiros conhecem pessoas que abriram negócios nos últimos dois anos. Esse percentual representa um expressivo crescimento nesse indicador, em 2016, 41,3% da população afirmava conhecer pessoalmente empreendedores iniciantes.

Em relação às habilidades, conhecimentos e experiências para a abertura de um empreendimento, o brasileiro se mantém “autoindulgente”, ou seja, para 55,6% dos brasileiros, eles próprios reúnem plenas condições cognitivas e operacionais para se aventurarem em uma empreitada empreendedora. Historicamente, esse indicador vem se mantendo superior aos 50%. Ainda nessa mesma toada, para mais da metade dos brasileiros o medo do fracasso não constitui um fator impeditivo para iniciar um novo negócio.

**Tabela 3.1** - Distribuição percentual da população segundo a mentalidade empreendedora - Brasil - 2016:2017

Mentalidade	% da população	
	2016	2017
Sonha ter um negócio próprio	31,7	17,9
Afirmam conhecer pessoalmente alguém que começou um novo negócio nos últimos 2 anos	41,3	56,5
Afirmam perceber, para os próximos seis meses, boas oportunidades para se começar um novo negócio nas proximidades onde vivem	40,2	46,4
Afirmam ter o conhecimento, a habilidade e a experiência necessários para iniciar um novo negócio	53,6	55,9
Afirmam que o medo de fracassar não impediria que comessem um novo negócio	57,6	56,5

Fonte: GEM Brasil 2017

### 3.2. FATORES LIMITANTES

Os especialistas “ouvidos” na pesquisa GEM 2017, ao avaliarem as condições para abrir e manter um novo negócio, indicam, na sua maioria (86,7%) que fatores relacionados a políticas governamentais e programas necessitam de mais iniciativas para a melhoria do ambiente para abrir e manter novos negócios no Brasil. São apontados, por exemplo, aspectos que poderiam ser melhorados, em áreas como a tributária e da desburocratização. Vale salientar ainda, como será visto mais adiante, que os especialistas também apontam esse fator, “políticas governamentais e programas” como responsável por importantes melhorias no ambiente para se empreender no Brasil, com destaque ao que foi construído e vêm sendo executado em torno do “MEI

– Microempreendedor Individual”.

Outro aspecto que se destaca é o apoio financeiro, 45% dos especialistas percebem que as dificuldades associadas à disponibilização e acesso a recursos financeiro para o fomento das atividades empreendedoras ainda se constituem como fatores importantes a serem melhorados.

Em terceiro lugar, entre os fatores mais citados pelos especialistas (28,3%), aparece o contexto político e clima econômico. Nos anos recentes é a primeira vez que esse fator figura com tamanho destaque, porém as explicações são óbvias e decorrentes da crise política que se asseverou em 2016 e 2017 com consequências evidentes para o *animus* empreendedor do brasileiro.

**Tabela 3.2** - Principais fatores limitantes para a abertura e manutenção de novos negócios segundo os especialistas entrevistados<sup>1</sup> - Brasil - 2017

Fatores	% dos especialistas
<sup>2</sup> Políticas governamentais e programas	86,7
Apoio financeiro	45,0
<sup>3</sup> Contexto político e Clima Econômico	28,3

Fonte GEM Brasil 2017

<sup>1</sup> Percentual dos respondentes que mencionaram o fator. O especialista pode ter mencionado mais de um fator.

<sup>2</sup> Políticas governamentais e programas: Políticas governamentais; Programas; Diferenças devida ao porte da Empresa; Internacionalização; Custo do Trabalho; Acesso e Regulamentação.

<sup>3</sup> Contexto político e Clima Econômico: Clima econômico; Contexto político, Institucional e Social; Crise Internacional; Corrupção.

### 3.3. FATORES FAVORÁVEIS

Já no que toca aos fatores mais favoráveis para se empreender no Brasil em 2017 (tabela 3.3), 65% dos especialistas mencionam aspectos relacionados

às características da população brasileira, sua capacidade de realização e superação de desafios. Este item também faz referência à diversidade étnica e



cultural que, para os especialistas, é motivo de inspiração e esperança para quem decide realizar uma atividade empreendedora.

O Brasil, para 50% dos especialistas é reconhecido como sendo um território que impõe poucas barreiras para a abertura de novos negócios e consequentemente o acesso aos mercados consumidores se torna favorecido.

Também é importante mencionar e esclarecer, que ao passo que os especialistas avaliam os progra-

mas e políticas governamentais como um fator que limita o empreendedorismo, 26,7% deles também apontam esse mesmo fator como um aspecto favorável. Não há aqui contradição, pois, é pertinente pensar que na opinião dos especialistas possa haver gradientes de efetividade entre essas políticas e programas que justifiquem essa avaliação aparentemente dúbia, e como já foi dito algumas políticas e programas são mencionadas de forma francamente positivas, como o "MEI".

**Tabela 3.3** - Principais fatores favoráveis para a abertura e manutenção de novos negócios segundo os especialistas entrevistados<sup>1</sup> - Brasil - 2017

Fatores	% dos especialistas
<sup>2</sup> Capacidade e composição da população	65,0
Abertura de Mercado/Barreiras à Entrada	50,0
<sup>3</sup> Políticas governamentais e programas	26,7

Fonte GEM Brasil 2017

<sup>1</sup> Percentual dos respondentes que mencionaram o fator. O especialista pode ter mencionado mais de um fator.

<sup>2</sup> Capacidade e composição da população: Capacidade empreendedora; Características de força de trabalho; Composição da população percebida

<sup>3</sup> Políticas governamentais e programas: Políticas governamentais; Programas; Diferenças devida ao porte da Empresa; Internacionalização; Custo do Trabalho; Acesso e Regulamentação.

### 3.4. RECOMENDAÇÕES

Além de avaliar o ambiente para se empreender no Brasil, os especialistas selecionados são convidados a elaborarem recomendações com vistas à implementação de melhorias que possam resultar no aperfeiçoamento das diversas condições necessárias para a atividade empreendedora (tabela 3.4). Naturalmente, uma vez que o fator políticas e programas foi o que mereceu mais apontamentos como limitante, também é relativo a ele o maior número de recomendações, 88,3% dos especialistas apresentaram propostas a esse respeito.

Em seguida aparecem os fatores educação e capacitação e apoio financeiro. Em torno de 40% dos especialistas se voltaram para esses tópicos ao desenvolverem suas recomendações. Interessante destacar que diferentemente de anos anteriores "educação e capacitação" não figurou entre os três fatores mais citados como desfavoráveis ao empreendedorismo, contudo, aparece como um dos tópicos que mais precisa sofrer intervenções a fim de efetivamente favorecer a atividade empreendedora no País.

**Tabela 3.4** - Recomendações dos especialistas: áreas de intervenção para melhoria das condições para empreender no país<sup>1</sup> - Brasil - 2017

Fatores que se enquadram as recomendações	% dos especialistas
<sup>2</sup> Políticas governamentais e programas	88,3
Educação e capacitação	41,7
Apoio financeiro	40,0

Fonte GEM Brasil 2017

<sup>1</sup> Percentual dos respondentes que mencionaram o fator. O especialista pode ter mencionado mais de um fator.

<sup>2</sup> Políticas governamentais e programas: Políticas governamentais; Programas; Diferenças devida ao porte da Empresa; Internacionalização; Custo do Trabalho; Acesso e Regulamentação.

O quadro 3.1 tem o propósito de apresentar de forma condensada as principais recomendações feitas pelos especialistas em 2017, vale lembrar que se tratam apenas de recomendações e, portanto, não avançam no sentido de serem um plano de ação mais elaborado ou diretamente aplicável.

**Quadro 3.1** - Principais recomendações dos especialistas para melhoria das condições para empreender no Brasil

<b>POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS E PROGRAMAS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Reforma do Sistema Tributário Nacional, buscando fundamentalmente sua simplificação e benefícios para as empresas novas que teriam uma carência no pagamento de tributos por um determinado período de tempo, ou até que comecem a gerar lucros efetivos. Inclusive desoneração da folha de pagamentos para empreendedores nascentes.</li> <li>✓ Desburocratização efetiva. Simplificação dos processos burocráticos e desoneração para quem quer produzir. <i>Startups</i> poderiam se formalizar, tal como MEI e acessar com mais facilidade o mercado e demais programas para apoio a esse tipo de empreendimento.</li> <li>✓ Política de desenvolvimento para os pequenos negócios. A Lei Geral da Micro e Pequena Empresa em vigor deve ser consolidada em planos de governo com foco no desenvolvimento e relacionada a um novo ambiente de atuação das empresas no âmbito da tributação, trabalhista e do licenciamento. É preciso desonerar e simplificar a vida dos empreendedores para que eles possam crescer e empregar mais.</li> <li>✓ Acompanhamento dos efeitos da reforma trabalhista no contexto de criação de novos empreendimentos.</li> <li>✓ Políticas públicas para o empreendedorismo devem ser estimuladas e desenvolvidas em periferias.</li> <li>✓ Promover intercambio e programas para receber empreendedores interessados em se instalar no Brasil.</li> </ul>
<b>EDUCAÇÃO E CAPACITAÇÃO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Investimento em capacitação e mentorias, ou seja, programas governamentais que financiem ativos de conhecimento, e não somente estruturas.</li> <li>✓ Apoiar as instituições que já fomentam o empreendedorismo (Sebrae, Endeavor, Senac, etc.), integrando-as a um projeto estruturado.</li> <li>✓ Incentivo ao empreendedorismo nas mídias de massa: compartilhamento de experiências e de casos sucesso e insucesso por meio de programas televisões, propagandas, entre outros.</li> <li>✓ A aproximação da atividade empreendedora praticada intuitivamente com ambientes escolares, com a universidade, como a academia. Isso é fundamental para a qualificação do empreendedorismo no Brasil. O mesmo vale para aproximação entre pesquisa e boas tecnologias com quem se interessa em abrir um novo negócio.</li> <li>✓ A inserção da educação empreendedora desde a escola fundamental. Quanto mais cedo o espírito empreendedor for disseminado, maior será a chance de se ter jovens empreendedores no futuro, com uma boa base desconhecimento sobre plano de negócios, estudo de mercado, fatores econômicos que afetam o negócio, dentre outros aspectos essenciais para se ter êxito.</li> </ul>
<b>APOIO FINANCEIRO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Oferecer novas fontes de financiamento que sejam adequadas para novas e pequenas empresas.</li> <li>✓ Melhorar substancialmente as condições de financiamento para o empreendedor ter mais segurança na manutenção e expansão de seus negócios.</li> </ul>





## COORDENAÇÃO DO GEM

### Nacional

---



### Internacional

---



### Parceiro Master no Brasil

---



*Serviço Brasileiro de Apoio às  
Micros e Pequenas Empresas*

### Parceiro Acadêmico no Brasil

---



### Participação Especial em 2017

---

